



Revista Affectio Societatis

Departamento de Psicoanálisis

Universidad de Antioquia

revistaaffectiosocietatis@udea.edu.co

ISSN (versión electrónica): 0123-8884

Colombia

Tipo de documento: Artículo de investigación

2017

Isabela Cardoza, Nelly Brito y Heloisa Caldas

A PAIXÃO DOS CIENTISTAS E SEU IMPOSSÍVEL

Revista Affectio Societatis, Vol. 14, N.º 27, julio-diciembre de 2017

Art. # 4 (pp. 70-87)

Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia

Medellín, Colombia

A PAIXÃO DOS CIENTISTAS E SEU IMPOSSÍVEL

*Isabela Cardoza*¹

Universidad del Estado de Rio de Janeiro, Brasil

isacardoza@yahoo.com.br

ORCID: 0000-0001-8669-2092

*Nelly Brito*²

Universidad del Estado de Rio de Janeiro, Brasil

nellybrito3@hotmail.com

ORCID: 0000-0001-9887-0482

*Heloisa Caldas*³

Universidad del Estado de Rio de Janeiro, Brasil

helocaldasr@gmail.com

ORCID: 0000-0001-6264-1223

DOI: 10.17533/udea.affs.v14n27a04

Resumo

Partindo do grupo de pesquisa “Violência, Corpo e Linguagem”, vinculado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/BR), o trabalho aborda o lugar do cientista na con-

temporaneidade, entre excessos e limites diante do real. Trabalhamos o lugar do sujeito em sua divisão face a diferentes formações discursivas. Em seguida, as posições de gover-

1 Mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Psicanálise: Clínica e Pesquisa, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ / Rio de Janeiro-RJ).

2 Mestre em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ / Rio de Janeiro-RJ). Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicanálise: Clínica e Pesquisa, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ / Rio de Janeiro-RJ).

3 Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ / Rio de Janeiro-RJ). Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ / Rio de Janeiro-RJ). Docente do Programa de Pós-graduação em Psicanálise: Clínica e Pesquisa, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ / Rio de Janeiro-RJ).

nar, educar e analisar são abordadas na radicalidade de seu impossível na cultura. Com base nesta análise, observamos como o mal-estar dos tempos atuais, ligado ao binário ciência x capitalismo, pode ter no cientista

(*savant*) um dos mais claros exemplos de sua paixão.

Palavras chave: Ciência, capitalismo, Real, Impossível.

LA PASIÓN DE LOS CIENTÍFICOS Y SU IMPOSIBLE

Resumen

A partir del grupo de investigación “Violencia, cuerpo y lenguaje”, vinculado a la Universidad del Estado de Río de Janeiro (UERJ/BR), el trabajo aborda el lugar del científico en la contemporaneidad, entre excesos y límites ante lo real. Trabajamos el lugar del sujeto en su división frente a diferentes formaciones discursivas. Enseguida, las posiciones de gobernar, educar y analizar son abordadas

en la radicalidad de su imposible en la cultura. Con base en este análisis, observamos cómo el malestar de los tiempos actuales, junto con la dupla ciencia x capitalismo, puede tener en el científico (*savant*) uno de los más claros ejemplos de su pasión.

Palabras clave: ciencia, capitalismo, real, imposible.

SCIENTISTS' PASSION AND THEIR IMPOSSIBILITY

Abstract

From the research group “Violence, Body, and Language”, linked to the Rio de Janeiro State University (UERJ/BR), this paper tackles the scientist’s role in contemporaneity, among excesses and limits faced with the real. We treat the subject’s place in his/her split facing different discursive formations. Then, the positions of governing, educating, and analyzing are approached in the ra-

dicalism of their impossibility in the culture. Owing to this analysis, we notice how the current discontent, along with the pairing science x capitalism, may have in the scientist (*savant*) one of the clearest examples of his/her passion.

Keywords: science, capitalism, real, impossibility.

LA PASSION DES SCIENTIFIQUES ET LEUR IMPOSSIBLE

Résumé

Cet article, conçu dans le cadre du groupe de recherche “Violence, corps et langage”, rattaché à l’Université de l’Etat de Rio de Janeiro (UERJ/BR), aborde la place du scientifique dans la contemporanéité, entre excès et limites face au réel. Nous examinons la place du sujet dans sa division face aux diverses formations discursives. Nous étudions ensuite l’impossibilité radicale dans la culture de l’acte de

gouverner, d’éduquer et d’analyser. Sur la base de cette analyse, l’on constate comment le mal-être des temps actuels, ainsi que le duo science-capitalisme, peut avoir dans la figure du scientifique (*savant*) l’un des exemples le plus clair de sa passion.

Mots-clés : science, capitalisme, réel, impossible.

Recibido: 11/05/16 • Aprobado: 16/01/17

Introdução

O presente trabalho se propõe a analisar a posição do cientista nos dias atuais, em que ciência e capitalismo parecem se ligar de modo consistente, com vistas a alimentar a lógica de mercado. Tal lógica é pautada na oferta de produtos a serem consumidos, gerando satisfação tanto ao consumidor, que teria alguma necessidade suplantada, quanto ao dono do capital, o qual garante para si uma parcela de lucro. Nessa operação também há o trabalhador, que vende sua mão-de-obra em troca do salário, tornando-se mais um consumidor em potencial.

Diferente da ciência, que tem finalidade investigativa, o cientificismo deixa em segundo plano o processo de trabalho em pesquisa, enfatizado o imediatismo dos resultados. Desse modo, parece ter como uma de suas expressões a exigência de que o cientista solucione enigmas eleitos pela humanidade – e conseqüentemente, apague a angústia por eles gerada. A demanda, no entanto, não cessa aí. As soluções encontradas pelo cientista devem ser disponibilizadas no mercado a quem puder adquiri-las. Assim, a organização social imiscuída ao modo de produção capitalista consolida-se cada vez mais fortemente a partir do vínculo com objetos de consumo que, na lógica de mercado, são divulgados como capazes de erradicar todo e qualquer tipo de mal-estar.

A partir da elaboração freudiana sobre um ponto inevitável de fracasso tangente às ações de governar, educar e analisar (Freud, 1927/2006), Lacan (1974/2005) inclui o cientista como profissional a lidar com o impossível que lhe é demandado, isto é: desvendar os enigmas eleitos pela cultura como fomentadores de seu mal-estar. Eis a paixão que, com base nos desdobramentos psicanalíticos relativos à cultura e ao modo de produção capitalista, é analisada neste trabalho como ligada aos cientistas e ao impossível que lhes é demandado.

Nesse contexto, para transmitir problematizações levantadas com base na psicanálise, observamos o lugar do cientista na atualidade entre excessos e limites diante do real. Trabalhamos o lugar do sujeito em sua divisão face a diferentes formações discursivas. Em seguida, as posições de governar, educar e analisar são abordadas na radicalidade de seu impossível na cultura. Com base nesta análise, apontamos como

o mal-estar dos tempos atuais, ligado ao binário ciência x capitalismo, pode ter no cientista um dos mais claros exemplos de sua paixão.

Os discursos e suas impossibilidades

O *Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*, Lacan (1969-70/1992) precisa o discurso como “o próprio laço social”. Assim, propõe quatro operadores de laço. São eles os discursos: do mestre, da histórica, do analista e do universitário.

Lacan propôs os discursos como formas de fazer laço: efeito da teoria dos significantes. Os discursos articulam-se como operadores no social. Um tratamento do real pela via dos semblantes, anúncio de que o discurso não se resume ao campo da linguagem e do significante, mas é tributário ao campo do gozo.

Os discursos operam o campo do gozo no laço social, instauram a possibilidade de civilizar o gozo no interior mesmo de sua impossibilidade intrínseca. Os laços propostos por Lacan, apresentam-se, portanto, como tentativas de apreensão desse impossível, na medida em que cada discurso fala de uma determinada escrita, de um determinado enlaçamento que propõe a tática da trama na linguagem.

Os quatro discursos são grafados com matemas, isto é, formalizações estabelecidas no ensino lacaniano na tentativa de transmitir a psicanálise em seu teor de experiência. Assim, recorre-se a estruturas mínimas na busca de não recair no dogmatismo religioso ou no campo do saber universitário. Segundo Lacan (1969-70/1992), os discursos são “pequenos quadrípedes giratórios” (p. 15), cada um deles dispõe de quatro posições, a saber: agente, outro, produção e verdade. De acordo com a formulação abaixo:

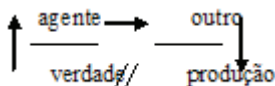


Figura 1. Estrutura geral dos discursos lacanianos e seus lugares / funções

O agente formaliza um dito enunciando uma ação para ser realizada pelo outro. É o dominante de cada discurso. O agente é impelido por uma verdade através da qual provoca o outro a trabalhar, disparando a produção discursiva.

O outro é a quem o discurso é dirigido. É o efeito que necessita de um agente para se constituir. Lacan determinou o outro como lugar do trabalho, e, se há trabalho, algo se perde. Há uma perda de gozo. Diante dessa perda, a operação agente → outro demarca a instauração do laço como um jogo em que a primeira peça demanda a existência da peça seguinte, o que, nessa lógica de lugares, conduz a uma produção.

O agente dirige-se ao outro e esse disparador produz um efeito em direção à produção. Esta é o resultado do dito do agente relativo ao trabalho do outro, é o que resulta da operação entre agente e outro. A verdade é o sustentáculo do discurso, porém sempre na condição de semidito, semidizer, sendo inviável a articulação plena entre produção de gozo e verdade.

Além desses lugares ou formalizações, os discursos possuem termos, ou “letrinhas”, como propõe Lacan: S_1 , S_2 , a e $\$$. Tais letras giram por entre os lugares do discurso: agente, outro, produção e verdade.

Há vários termos. Se forneci aqui estas letrinhas, não foi por acaso. É que não quero meter coisas aí que tenham aparência de significar. Não as quero significar, de modo algum, e sim autorizá-las. Autorizá-las já é um pouco mais do que escrevê-las (Lacan, 1969-70/1992, p. 11).

Segundo Caldas (2008), “em *O Seminário 17: o avesso da psicanálise* verificamos o esforço de Lacan para postular a lógica entre a cadeia significante, expressa por $S_1 - S_2$, o sujeito dividido ($\$$) e o objeto a ” (p. 87).

S_1 , na álgebra lacaniana, é o significante mestre: “é, para andar rápido, o significante, a função de significante sobre a qual se apoia a essência do senhor” (Lacan, 1969-70/1992, p. 18). É a referência de articulação da cadeia.

É o traço, o significante do gozo, o traço que representa o sujeito sempre para outro significante e surge no campo do Outro. Isso

quer dizer que não há sujeito que gere a si mesmo, apesar do ideal de autonomia do neurótico (Wainsztein, 2001, p. 17).

S_2 é a bateria de significantes, o saber, cadeia para o deslizamento significante: “ S_2 é aquele que deve ser visto como um interveniente. Ele intervém numa bateria de significante que não temos direito algum, jamais, de considerar dispersa, de considerar que já não integra a rede do que chama de saber” (Wainsztein, 2001, p. 11).

Da perda implicada no trajeto das letras lacanianas, surge segundo Lacan (1969-70/1992, p.46) o objeto *a*, mais-de-gozar. É o inapreensível, o que escapa. Marca do objeto perdido, o *a* no *Seminário, livro 17* traz a noção de *plus* de gozo, um excesso do qual o sujeito resiste em abrir mão. Já $\$$ é o sujeito dividido, barrado pela linguagem; cindido entre o saber e o gozo.

Em cada um dos quatro discursos estabelecidos por Lacan algo da ordem do inarticulável acerca do gozo se destaca como aquilo que sustenta a própria estrutura discursiva. Assim, nos discursos, o gozo sem limites (mais-de-gozar) encontra-se enlaçado aos contornos tecidos pela materialidade significante.

Ao ressaltarmos uma satisfação que apesar de limitada é possível, estamos tratando do gozo fálico: modalidade de gozo à qual se tem acesso por meio da materialidade de uma palavra, objeto, imagem, etc. Em outros termos, pode-se dizer que ele está ligado ao que em geral é tomado como “a felicidade” ou sua busca. Ressalta Lacan (1969-70/1992): “Não há felicidade a não ser a do falo” (p. 76).

Amalgamando o mais-de-gozar, inarticulável de todo, à satisfação limitada relativa ao falo e suas insígnias, o discurso surge como promotor do laço social. Portanto, ao mesmo tempo que concede aos falantes a possibilidade de articular algo do gozo, o discurso aponta uma parcela intangível acerca dele.

Lacan (1969-70/1992) inicia sua elaboração com o discurso do mestre, fundador da cultura. Tal discurso serve de baliza à relação dialética entre senhor e escravo, descrita por Hegel em *Fenomenolo-*

gia do Espírito. Esse texto hegeliano serviu de inspiração para Lacan trazer à tona a posição do escravo frente ao senhor, fundamento que apresenta um modo de uso da linguagem como logro social.

Nesse discurso a verdade de que ao mestre falta o saber –saber-fazer que o vassalo empreende em seu trabalho–, aponta a divisão do senhor e sua dependência em relação ao escravo. “Um verdadeiro senhor (...) não deseja saber de absolutamente nada –ele deseja que as coisas andem (...)” (Lacan, 1969-70/1992, p. 21). No discurso do mestre, então, poderíamos apontar a divisão do senhor como impossível de ser tamponada. Ela é apenas passível de contorno pelo laço com o vassalo. Assim, o saber que confere ao agente deste discurso o status de mestre não passa de uma miragem tributária aos efeitos do trabalho daquele que se apresenta como escravo.

No discurso da histórica a dominante é a provocação que irrompe no laço com aquele a quem se toma como mestre. A interrogação põe o sujeito em evidência, fazendo com que o Outro, como lugar do saber e da razão, seja impelido ao questionamento das certezas que veicula. A impotência do saber produzido pelo mestre, incapaz de responder às questões do sujeito no discurso histórico, revela o impossível de tudo dominar. A verdade, neste discurso, é a própria falta enquanto causa do desejo.

A disposição do sujeito irremediavelmente faltante e questionador no lugar de agente do discurso faz surgir uma posição propícia a quem se disponha a ocupar o lugar de analisante. Esse discurso, portanto, parte do sujeito enquanto barrado (\$); de sua divisão como efeito do deslizamento dos significantes.

Lacan (1969-70/1992) afirma a relação importante desse discurso com o (não) saber: “ali onde penso não me reconheço, não sou –é o inconsciente–, ali onde sou, é mais do que evidente que me perco” (p. 96). Com base nesse atravessamento entre o discurso que parte do sujeito em uma posição histórica e a noção de inconsciente, podemos dizer que a inauguração da psicanálise está profundamente enlaçada ao discurso da histórica. Não é por acaso que Lacan desdobra a partir deste discurso aquilo que formaliza como o discurso do analista.

Segundo a análise lacaniana, Freud afastou-se do lugar de mestria e de produção de um saber que buscasse responder à demanda do sujeito em posição histórica –apelo infinito e sempre insatisfeito ao mestre– destinando-lhe um lugar desejante. Tal fato marca a abertura de uma nova possibilidade de lidar com o sujeito, levando em consideração o inconsciente e aquilo que ele denota como impossível de articular por meio da razão, a saber: o gozo.

Assim, no discurso do analista, não se busca alcançar “a felicidade”. As suturas fálicas são colocadas em relevo como significativas para o sujeito, contudo, em uma análise não se busca corrigir ou erradicar as brechas sustentadas pelo sintoma. Ao contrário, parte-se do semblante de a –resto faltoso que causa o desejo– e considera-se o impossível de articular acerca do gozo em seu lugar intangível, mas real.

Tal registro não é da ordem do semblante, logo, não cabe ao simbólico ou ao imaginário. O real comparece justamente como aquilo que não pode ser escrito na cadeia significante, mas nem por isso escapa ao discurso. Está imiscuído nele a partir do enlace entre os significantes-mestres que marcam a história do falante. São estes S_1 que serão produzidos como efeito do trabalho analítico (Lacan, 1969-70/1992).

Aí está o esforço de operar com os significantes levando em consideração o real como aquilo que sustenta a existência do falante e o laço com seus semelhantes. Quando essa noção é colocada como chave para o campo da fala e da linguagem, estrutura-se um discurso que parte exatamente do vazio de sentido, apontando para produções singulares acerca do saber para cada sujeito. Eis o discurso do analista.

Completamente avesso ao discurso do mestre, que põe o objeto a como produção gozosa –mais de gozar forjado, o discurso do analista revela esse objeto como causa de desejo, convocando o sujeito a tentar dizer sobre os significantes que tecem a trama de seu gozo (Lacan, 1969-70/1992, p.46). A depuração do significante mestre, o S_1 no discurso do analista, é completamente singular, não podendo ser encarnada por ninguém. O analista, é um lugar. Lugar esse que não se confunde em absoluto com o da mestria.

No discurso do universitário, por sua vez, encontra-se o S_2 como agente, insígnia de dominação, propondo-se sem falhas. O saber no discurso do universitário é falicizado, tentando uma sutura frente à impossibilidade de tudo conhecer. O S_2 visa ao domínio do mais-de-gozar via “astutato”, termo utilizado por Lacan (1969-70/1992) para se referir à figura do estudante na posição de trabalhador, trabalhador de saber.

O discurso do universitário produz o silêncio sobre a verdade como enigma, pois, nele a verdade está nos mestres. Como efeito, observa-se a passagem de saber-fazer do escravo, no discurso do mestre, para o saber teórico dos mestres, o conhecimento. É este o discurso que dá suporte ao advento das ciências no lugar de mestria, ordenação, e que assevera as leis segundo pesquisas tecnológicas e tecnocientíficas. Em outras palavras, o discurso do universitário é o próprio imperativo categórico kantiano no lugar exato do tudo saber, conhecer e dominar (Lacan, 1969-70/1992).

Freud (1927/2006) aponta as impossibilidades agregadas ao fazer do psicanalista. Alia *governar*, *educar* e *analisar* como posições insustentáveis na cultura, uma vez que se debruçam, respectivamente sobre pontos-limite no campo da dominação, do saber e do manejar o sintoma. Isso porque, Freud assevera, não é possível tudo dominar, conhecer ou analisar sem que falhas irrompam nesses processos.

Assim, instituem-se, de saída, pontos intangíveis com os quais qualquer sujeito inserido na cultura terá de lidar: eis o preço a ser pago para gozar da vida civilizada. Tais impossíveis são retomados por Lacan através dos quatro discursos, na medida em que conjugam o limite de aliar o campo do sujeito e o campo do Outro no laço social (Coutinho Jorge, 2002).

Ressaltamos que é o objeto *a* que carrega, em cada um dos discursos, o estatuto dessa impossibilidade. (Lacan, 1969-70/1992, p.46) O impossível de tudo governar, no discurso do mestre; de tornar tudo passível de ser educado, no discurso do universitário; de tudo analisar, no discurso do analista; e de fazer-se desejar por todos, acrescentado à proposta freudiana por Lacan (1969-70/1992) acerca do discurso da histórica.

No que diz respeito ao governar, Lacan (1969-70/1992) é pontual: é impossível que o mestre ponha o outro a trabalhar em todos os instantes. Do mesmo modo, é impossível ao universitário o acesso por completo ao conhecimento. Assim como o umbigo do sonho, a garganta de Irma e o enigma sobre os quereres de uma mulher são demonstrações freudianas do que resta de intangível em uma análise.

O ponto de enigma vigora, marcando a impossibilidade de educar, analisar e governar o real, o qual resta sempre intacto, sem possibilidade de representação, no mesmo lugar. Nas palavras de Lacan (1975[1974]/2011): “O discurso do mestre, por exemplo, seu fim é que as coisas caminhem no passo de todos. Bom isso não é a mesma coisa que o real, pois, este é o que não caminha (...)” (p. 16). O real é afinal, o que emperra mesmo, não anda, empaca no meio do caminho.

Binário capitalismo x ciência: um discurso do capitalista?

Em *A sociedade de consumo*, Baudrillard (2007) assevera que os homens já não se cercam de outros homens, mas de objetos: carros, TVs, computadores. Produzem-se sujeitos insaciáveis na demanda de consumo, como máquina de repetir.

O que se repete é o consumo, na série ilimitada dos objetos. De objeto em objeto, é o que legisla a máquina capitalista: o gozo em consumir é pura repetição muda.

A repetição, nos diz Lacan, é o gozo; é o que se dirige contra a vida, no rompimento do ciclo e da engrenagem, tendendo ao inanimado, à tensão zero, como diria Freud. “A repetição se funda em um retorno do gozo” (Lacan, 1969-70/1992, p. 44).

Em Milão, Lacan (1972/1978) fala de algo loucamente astucioso, capaz de consumir e se consumir, o discurso do capitalista. Com uma estrutura sem hiato, compõe apenas flechas contínuas, sem ruptura.

O discurso do capitalista não se sustentaria se fosse tomado como análogo aos outros quatro, pois estes escoram-se em uma descontinui-

dade sob uma perda de gozo no laço, uma falha composta pelas impossibilidades de governar, educar, analisar e fazer-se desejar. Ímpar, ele é de uma estrutura compacta, formado por um circuito montado como um artefato fechado, ensimesmado, sem a possibilidade da descontinuidade que enseja o laço social e estrutura os outros quatro discursos.

Como sua própria estrutura articula, é uma montagem armada e amarrada em uma formalização maciça. São quatro vetores completos e diferentes em sua direção em relação aos outros. Como é possível observar abaixo:

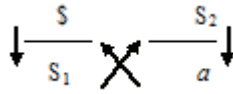


Figura 2. Discurso do capitalista

Circuito este que se movimenta a velocidades estonteantes, remetendo, em nossa leitura, a Bauman (2001): comporta a liquidez da sociedade atual, tempos em que o capital viaja leve e apressado, sem bagagem de mão.

Analisamos o discurso do capitalista o remontando às ideias de Lipovetsky (2004), com eu prefixo *hiper* adjetivando os *tempos hiper-modernos*; além da noção de *tempo-hoje*, na abrupta ruptura com os séculos XVII e XVIII, quando o advento da velocidade aparece como ferramenta fundamental rumo à produção dos novos objetos do capitalismo. O fato nos deixa sem saber ao certo se esta produção tem como objetivo um novo objeto –mais moderno, mais completo, mais *high-tech*: *hiper-* ou se, nessa mesma tentativa, o resultado não passa de um mercado do obsoleto.

O efeito rebote, isto é, a profusão constante de quinquilharias ultrapassadas diante do que velozmente surge de melhor, remonta ao matema laciano do discurso do capitalista, no qual observamos a formalização que se repete. O sujeito (\$) se relaciona com a mercadoria-objeto (a), comandado pelo mestre, capital (S₁) que tem a produção de saber da ciência (S₂) a seu favor (Lacan, 1972/1978).

Os objetos do capitalismo são produzidos para fazer surgir, no lugar do desejo, um objeto da ordem de uma demanda forjada, não pelo sujeito, mas pelo brilho do objeto imposto pelo mercado. Como na fala de uma paciente, que diz: no momento exato que tirei a blusa, diante do seu olhar que já não sabia mais se era de elogio ou horror, ele me perguntou: e esse peito? É seu? E eu disse: sim, é meu, eu comprei, parcelado, mas é meu! E ostentava orgulhosa a bela prótese.

O objeto torna-se, assim, da ordem do palpável e não do enigmático, para que o sujeito creia ser este mesmo objeto aquele que viria fechar o circuito da pulsão. Eis o produto forjado pela ciência e vendido pelo capitalista: o objeto feito sob medida para o que você precisa! Como escreve Voltolini (2007):

(...) no lugar da lógica desejante, na qual cada objeto não seria percebido senão sobre um fundo da ausência (simbólico) em relação ao qual seu brilho (fálico) se sustentaria, viria outra lógica, na qual o objeto é proposto como real e adequado a sua demanda; demanda que já não guardaria mais uma relação dialética com o desejo, sempre particular, mas que nasceria das qualidades contidas no objeto mesmo (p. 202).

Se Freud (1930/2006) estabeleceu o mal-estar como efeito constitutivo tributário à cultura, o discurso do capitalista propõe burla-lo com a restituição do gozo perdido a partir da produção científica. Na repetição do consumo, os indivíduos da sociedade do bem-estar gozam da produção incessante de um pretensão mais-de-gozar tangível. O *a*, neste discurso, visa tomar a demanda pelo desejo, em objetos cheios de nada, se lembrarmos Lacan (1969-70/1992): no eco de tudo o que remete a uma demanda apelativa, sedutora e vertiginosa.

Os objetos-latusas perseguem a difícil tarefa de fazer sutura e aplacar a angústia, como propomos, porém, declinam diante da produção de outro objeto mais atual, melhor, com mais tecnologia acooplada... E isto serve ao sistema que se retroalimenta de demandas sem fim. É a própria lógica do capital que curto-circuita o laço discursivo.

Aliás, o fato de comprometer a tentativa de laço social, privilegiando o vínculo com os objetos-latusas, faz com que o discurso do

capitalista seja muitas vezes colocado em questão, posta sua diferença frente aos discursos do mestre, da histórica, do universitário e do analista. Estes quatro discursos se sustentam na impossibilidade de articular completamente gozo e verdade (Freud, 1930/2006). Já o funcionamento do pretense discurso do capitalista visa contornar o impossível até que se torne algo realizável, compartilhável e, sobretudo, passível de ser consumido.

Como dito, é apelando ao trabalho do cientista que o mestre moderno promete ao consumidor o fim de todo e qualquer mal-estar. Entra em cena, portanto, a imperiosa condição do discurso a serviço da produção da demanda. Chega-se mesmo ao ponto da necessidade. Mal havia sido lançado o iPhone 5, clamava-se pela promessa do número 6, necessariamente por vir para aperfeiçoar as lacunas que, como sombra inarredável, já sobram inúteis aos benefícios da nova quinta bugiganga.

Ora, para que um novo objeto seja produzido e consumido no circuito vertiginoso de gozo, a falta deve comparecer. E ela já nasce cativa à sutura do excesso que a de vir, quase messiânico, para redimi-la. “No discurso capitalista o desejo é rebaixado à categoria da necessidade, fazendo-nos crer que como se trata de necessidade há sempre um objeto que lhe corresponde” (Voltolini, 2007, p. 202).

O discurso do capitalista fabrica um objeto animado na promessa de que o próximo objeto suture melhor, acople-se melhor. Propõe-se, então, que “o discurso do capitalista mundializou o objeto técnico” (Alemán, 2003, p. 29). Pois, o objeto da ciência opera, nos dias atuais, a serviço do capitalismo e define a lógica mesma do capital. Lógica totalitária, apresentando ao sujeito a única solução possível: o lugar de consumidor. Engendra-se, assim, uma segregação petrificante que consome o sujeito, apresentada sob o engodo do privilégio de consumir.

Via de regra, o objeto tomou lugar de produzir demandas ao sujeito. A subjetividade contemporânea possui, em pleno século XXI, a marca de uma urgência prenhe: o canto da sereia dos objetos do capitalismo. Um assalto pelas mãos sedutoras do binário capitalismo x ciência, que em sua cópula dão à luz ao *cientificismo* (Derrida & Roudinesco, 2004).

O cientificismo excede o limite da ciência, produzindo o fora da referência simbólica. Desdobra um gozo delirante, cujo sujeito é subtraído. Se “a ciência se define como um saber que sabe de seus limites, poderíamos dizer, um saber que, em princípio, leva em conta a castração –ela não pode tudo” (Alberti, 2006, p. 84).

O que seria o excesso da ciência? É um cientificismo cuja resolutive foi o apagamento do sujeito da enunciação, restando a imersão aos enunciados produzidos pelo saber técnico-científico. Como efeito do ideal cientificista, “a ciência se encarrega então, de esquecer ‘o dizer’ para reter apenas o ‘dito’” (Lebrun, 2004, p. 60).

A posição do cientista – *savant*: sua paixão e seu impossível

Diante do real ingovernável ou do que Lacan (1975[1974]/2011) propõe quando diz “o real não é o mundo. Não há nenhuma esperança de alcançá-lo por meio da representação” (p. 16), avançamos no exame de outra posição: a do cientista – *savant*. Ela foi apontada em uma das peças orais lacanianas, *O triunfo da religião*, de 1974.

Sobre tal posição, Lacan (1974/2005) propõe “o próprio do real é não ser imaginado” (p. 75), marcando que, além de irrepresentável, o real não é universal, e portanto, não se pode aborda-lo através de um empuxo ao sentido, pois “é justamente aquele que nos falta por inteiro” (Lacan, 1974/2005, p. 77). Quem pretende que ele o seja é a ciência quando tomada nos arroubos excessivos do cientificismo a serviço do capital.

Aí entra a ideia de nominação do real. Este registro trabalhado por alguns como da ordem do intangível, para outros não se resume em si mesmo. O cientista tomado pelo ideal cientificista o observa como limite a ser ultrapassado ou desconhecido a ser mapeado com significantes específicos que o tornem passível de dissecação.

Frente às profissões impossíveis de Freud, Lacan coloca justamente essa, a do cientista –*savant*– como angustiante. Assevera que esta posição, ao lado dos que governam, analisam e educam, toca a

angústia. Mas, Freud não ousou diante da ciência, não propôs que fazer ciência fosse da ordem do impossível, insustentável.

No *O Seminário, livro 10: a Angústia*, Lacan (1962-63/1997) define o real como um irreduzível frente ao significante. Exatamente o avesso do que propõe a cientificismo, o qual, como vimos, desconhece um real que não se reduza, não se traduza em leis universais. A ciência aliada ao capitalismo só conhece o real que se reduz ao significante, empreendendo toda sorte de operações para que, ao final, não sobrem restos. Ela opera por uma hiper observação, investigação e nomeação, como se o gozo não deixasse restos no corpo e houvesse a possibilidade da relação sexual. “Eles fariam a suplência à ausência da relação sexual” (Lacan, 1975[1974]/2011, p. 20).

E até um dos exercícios do que chamamos de ficção-científica, que, devo dizer, nunca leio, mas muitas vezes nas análises, contam-me o que há dentro. É inimaginável! –o eugênio, a eutanásia, enfim, todo tipo de eu-pilhérias (*d'euplaisereries*) diversas. Isto só se torna engraçado quando os próprios cientistas são pegos, não pela ficção-científica, evidentemente, mas por uma angústia (Lacan, 1975[1974]/2011, p. 20).

A ciência capitalista tenta aplacar a angústia. Em seu empuxo à dominação, foraclui a possibilidade do sujeito advir, de modo a suplantando sua divisão com a inteireza das eu-pilhérias. Contudo, o real, ingovernável, sobre o efeito da impossibilidade da posição ocupada pelos cientistas.

O sujeito comparece em sua divisão em todos os discursos, como visto anteriormente. Ele coexiste na mesma estrutura que abrange o objeto *a* como excesso de gozo a transbordar, sem barreiras, sem nome (Lacan, 1969-70/1992, p.46). Assim, num curto-circuito, como efeito da própria operação de tentar foracluir o sujeito, a angústia retorna o não-sentido excomungado dos laboratórios, sustentando que a posição do cientista não é fácil e que além disso, tem restos.

Diante do tudo nomear, o contingente *pathos* retorna, feito angústia ou não. Enquanto isso, segue o sujeito, com sua devida cota de im-

possibilidade, na sina de ser sustentado por um corpo. Será possível que ele sobreviva apenas obedecendo a fórmula: menos *pathos*, mais tecnologia? Não sabemos dizer. O que observamos na contemporaneidade, contudo, é a teimosa permanência, ainda que indesejada, do mal-estar que se atualiza de modo peculiar na própria paixão dos cientistas e seu impossível.

Bibliografía

- Alberti, S. (2006). A estrutura e as redes da psicanálise. Em S. Alberti y A. C. Figueiredo (Orgs.), *Psicanálise e Saúde Mental: uma aposta* (pp. 81-100). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Alemán, J. (2003). *Derivas del discurso capitalista: notas sobre psicoanálisis y política*. Buenos Aires: Miguel Gómez Ediciones.
- Baudrillard, J. (2007). *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Caldas, H. (2008). Discurso da histérica. Em *Scilicet: os objetos a na experiência psicanalítica* (pp. 87-90). Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Coutinho Jorge, M. A. (2002). Discurso e liame social: apontamentos sobre a teoria lacaniana dos quatro discursos. Em D. Rinaldi y M. A. Coutinho Jorge (Orgs.), *Saber, Verdade e Gozo: leituras de O Seminário, 17 de Jaques Lacan*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- Derrida, J. & Roudinesco, E. (2004). *De que amanhã... Diálogo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Freud, S. (1927/2006). O Futuro de uma ilusão. Em *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*, Vol. 21 (pp. 15-71). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1930/2006). Mal-estar na civilização. Em *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*, Vol. 21 (pp. 74-148). Rio de Janeiro: Imago.
- Lacan, J. (1962-63/1997). *O Seminário, livro 10: a Angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____. (1969-70/1992). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar Ed.
- _____. (1972/1978). Discours de Jaques Lacan à L'Université de Milan le 12 mai 1972. Em *Lacan in Itália 1953-1978* (pp. 38-55). Milão: La Salamandra.
- _____. (1974/2005) *O triunfo da religião. Precedido de discurso aos católicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

- _____. (1975[1974]/2011). A terceira. *Opção lacaniana*, (62), 11-35.
- Lebrun, J-P. (2004). *Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Lipovetsky, G. (2004). *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla.
- Voltolini, R. (2007). *O discurso do capitalista, a psicanálise e a educação*. Em N. V. A. Leite, S. Aires y V. Veras (Orgs.), *Linguagem e gozo* (pp. 197-212). Campinas: Mercado de Letras.
- Wainsztein, S. (2001). O discurso do mestre. Em I. Vegh *et al.*, *Os discursos e a cura* (pp. 15-34). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Para citar este artículo / To cite this article / Pour citer cet article /

Para citar este artigo (APA):

Cardoza, Isabeza – Brito, Nelly- Caldas, Heloisa (2017). A paixão dos cientistas e seu impossível. *Revista Affectio Societatis*, 14(27), 70-87. Medellín, Colombia: Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia. Recuperado de <http://aprendeonline.udea.edu.co/revistas/index.php/affectiosocietatis>